

A RAPIDEZ DO REAL

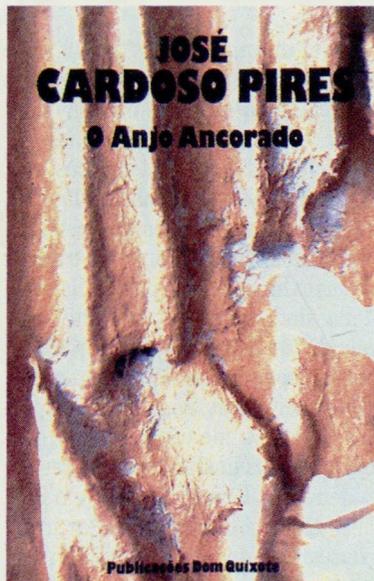
Imagine-se a estranheza que “O Anjo Ancorado” deve ter provocado nos seus primeiros leitores, em finais da década de 50. O neo-realismo clássico português era-lhe um fato demasiado apertado e toda a estrutura romanesca se ressentia das influências das narrativas de tipo behaviourista anglo-saxónicas. Mas, já dizia António Sérgio, num grande escritor não se trata de uma questão de influência, mas de revelação

do que já existia. De facto, no percurso de José Cardoso Pires, já existiam as reconhecidas “short-stories”, escritas numa técnica de narração mista de tradição popular e de linguagem cinematográfica. As intrigas curtas são, no entanto, ainda muito classicamente neo-realistas, ou então, simplesmente realistas à Steinbeck, à Hemingway dos anos 40.

Mário Dionísio, autor de um dos prefácios (o outro é António Tabucchi) da agora surgida 8ª edição, refere um paradoxo interessante (e há tantos à volta da obra deste autor!), o facto de a Segunda Guerra Mundial nos ter desprovincia-

nizado, porque Portugal foi finalmente atravessado por novas informações, por gente refugiada e por atitudes diferentes. O próprio neo-realismo clássico, no pós-guerra a caminhar para a década de 50, já não era o que tinha sido. Outro crítico ligado ao movimento (Mário Sacramento) irá apontar, mais tarde, a crise do neo-realismo, manifesta sobretudo no que chamou “a nota existencial”.

A ficção de Cardoso Pires surge como lufada de ar fresco neste contexto problemático; como um começo sem o assumir de feridas anteriores que dilaceravam o grupo neo-realista. E será heresia afirmar que, sem ter nada aparen- >>



Título: O Anjo Ancorado
8ª edição (com textos de António Tabucchi e Mário Dionísio)
Autor: José Cardoso Pires

Editora: Publicações Dom Quixote, 1990
1 500\$00

>> temente em comum com outros universos romanescos, como os de Vergílio Ferreira (em relação aos quais claramente se opõe), a sua escrita é alimentada basilarmente por um princípio de existência em guerra contra todas as configurações convencionais do real. Não um princípio de existência individual, como é mais comum encontrar na ficção dita existencialista, mas as existências sociais que configuram autoritariamente personagens, incapazes de as controlar ou modificar. Consequentemente, não é a personagem que se encontra no centro dos acontecimentos narrativos, mas antes contornos socializados que tornam o real instituído um império que mina qualquer rasgo de originalidade individualista. Em suma: a realidade move-se demasiado depressa e adianta-se à consciência de cada um.

Efectivamente, o real está para além das boas intenções das personagens de "O Anjo Ancorado". João, subentende-se, tem como ideal relações libertinas, mas, do desejado jogo-por-dentro com parceiros iguais, não há sequer vislumbre, ao longo da tarde que passa com Guida. A sua companhia verdadeira é apenas a bebida ou o encontro de grande alegria com um mero, no fundo do mar. De resto, não parece cultivar outra relação com o mundo, senão a forma de um sorriso triste que lança para a paisagem, evitando Guida que se lhe agarra, na esperança de uma troca emocional que dê cor à existência. Contudo, o profundo desencontro que parece estar na base de todo o fazer humano irá atingir também Guida, a companheira circunstancial da tarde à beira-mar. Guida gosta de poesia como pessoa culta que é; acha-se naturalmente original no gosto de a fazer, mas a voz narrativa transforma essa suposta originalidade numa reprodução de frases triviais de uma banalidade confrangedora.

Resta concluir que a paisagem olhada com tristeza e em silêncio por João é uma costa votada a uma miséria tal que não vale o Talbot cidadão, estacionado numa falésia. É habitada por seres acostumados às astúcias da sobrevivência, cujo universo descoincide por completo com o dos visitantes de passagem. Para esses, o real não se adianta nem se atrasa, uma vez que lhes caiu em cima (desde sempre) como o castigo da estagnação. ■